



**PÓSCOM**

Programa de Pós-Graduação  
em Comunicação  
e Territorialidades - UFES

## **IMAGENS QUE TRANSFORMAM: O CINEMA COMO DISPOSITIVO DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES SEXUAIS NA ESCOLA: REPRESENTAÇÃO, SUBJETIVAÇÃO E INCLUSÃO**

Yago de Vargas Mendonça<sup>1</sup>

Gabriela Santos Alves<sup>2</sup>

### **Palavras-chave:**

Cinema; Sexualidade; Educação; Diversidade; Subjetividade

### **RESUMO EXPANDIDO**

Este pré-projeto investiga o potencial de narrativas cinematográficas como ferramenta pedagógica para valorizar a diversidade das sexualidades humanas e as múltiplas possibilidades do afeto, contribuindo para a educação sexual de jovens. Parte-se da premissa de que, sem orientação adequada, dispositivos culturais como pornografia, a sexualização precoce e o bullying LGBTfóbico influenciam negativamente a formação sexual dos jovens. Contudo, no Espírito Santo, a Lei Estadual nº 12.479/2025 permite que pais vetem a participação de seus filhos em atividades

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação e Territorialidades, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). [yagodevargas.filmmaker@gmail.com](mailto:yagodevargas.filmmaker@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Ufes. [gabriela.alves@ufes.br](mailto:gabriela.alves@ufes.br)



escolares sobre identidade de gênero, orientação sexual e temas relacionados, reforçando barreiras de cunho conservador. Essa abstenção de discussões sobre sexualidade na escola, em vez de proteger os estudantes, “transfere” sua educação sexual para ambientes digitais sem mediação pedagógica ou parental.

## Fundamentação teórica

Para Michel Foucault (1999), a sexualidade funciona como um dispositivo histórico de poder que molda identidades sociais, regula os corpos e constitui subjetividades. Guacira Louro (2008; 2018) argumenta que a diversidade sexual faz parte da vida social e deve ser acolhida no ambiente escolar, e que a escola precisa reconhecer a pluralidade sexual e combater preconceitos. O cinema, por sua vez, enquanto linguagem estética, participa da construção de imaginários e modos de ser, podendo reforçar normas sociais ou subvertê-las. Uma pesquisa concluiu que filmes permitem ao espectador vivenciar experiências além do seu cotidiano, ampliando seu olhar sobre papéis sociais, e que em sua aplicação em sala de aula, a exibição cinematográfica seguida de debate pôde “romper paradigmas arraigados” de gênero entre os estudantes (Rocha et al., 2015).

## Metodologia

A pesquisa será de abordagem qualitativa e contaria com dois grupos de 3 a 4 adolescentes (anos finais do ensino fundamental e médio) participando mediante autorizações legais. Um grupo seria de escola pública estadual e o outro de escola particular da Grande Vitória (ES), possibilitando comparar territorialidades escolares distintas. Seriam exibidas cerca de seis obras audiovisuais sobre diversidade sexual, seguidas de entrevistas individuais e grupos focais. Os dados coletados seriam analisados à luz de teorias de representação, linguagem cinematográfica e subjetivação, a fim de compreender as potencialidades de um curso-intensivo sobre diversidade sexual mediado por filmes.



## Resultados e discussões

Espera-se que o contato com narrativas cinematográficas plurais estimule nos adolescentes reflexão crítica, empatia e desconstrução de estereótipos, contribuindo para práticas pedagógicas mais inclusivas. Em contraponto à pornografia e à sexualização precoce, filmes e séries de cunho reflexivo podem atuar como “antídoto” simbólico, ampliando os horizontes para relações sexuais e afetivas saudáveis, consensuais e diversas. Dessa forma, uma iniciativa educativa baseada no cinema poderia ser assimilada por educadores e instituições de ensino, fortalecendo o debate sobre formas alternativas e inclusivas de educação sexual.

## Referências

**ESPÍRITO SANTO.** Lei nº 12.479, de 17 de julho de 2025. Assegura aos pais ou responsáveis o direito de vedar a participação dos filhos em atividades pedagógicas de gênero e congêneres. Diário Oficial do Estado, Vitória, ES, 18 jul. 2025.

Disponível em:

<https://www3.al.es.gov.br/legislacao/norma.aspx?id=104027&ano=2025&temas=8>.

Acesso em: 14 ago. 2025.

**FOUCAULT**, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

**LOURO**, Guacira Lopes. Cinema e sexualidade. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.33, n.1, p.81-98, jan./jun. 2008.

**LOURO**, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.



**ROCHA**, Marcelo B.; **THOMAZ**, Cristiane M.; **MATTOS**, Marcelo N. Gênero e sexualidade na sala de aula: o uso do cinema como recurso pedagógico. *Interfaces da Educação*, v.6, n.17, p.219-246, 2015.

### **Minicurrículo de Yago de Vargas:**

Yago de Vargas Mendonça é graduado em Cinema e Audiovisual pela UFES e mestrando em Comunicação e Territorialidades na mesma instituição. Dirigiu o documentário capixaba "Era uma vez excitações" (2023), média-metragem que explora narrativas sobre desejo, sexualidade e diversidade, e co-dirigiu o curta-metragem universitário "O Fruto Proibido" que narra o despertar sexual de um jovem gay religioso. Também possui formação técnica em Rádio e Tv pelo CEET Vasco Coutinho.

### **Minicurrículo de Gabriela Alves:**

Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES. Pós doutora em Comunicação e Cultura – Eco/UFRJ. Pesquisadora da Fapes/ES, Edital Mulheres na Ciência. Integra o LapVim - Laboratório de Pesquisas sobre enfrentamento à violência contra mulheres no Espírito Santo (UFES) e o grupo de pesquisa CIA - Comunicação, imagem e afeto (UFES/CNPq). Realizadora em audiovisual.